

10-2017

Dar tudo, dar-se todo

Pedro Fernandes

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Fernandes, P. (2017). Dar tudo, dar-se todo. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/37>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Em 2001, foi nomeado Presidente da Comissão Jubilar dos 300 anos da Congregação.

Foi eleito Superior Provincial da Congregação em Portugal em 2003, função que exerceu durante três mandatos, ou seja, nove anos.

No Capítulo Geral de Bagamoyo, na Tanzânia, em 2012, foi eleito 3º Assistente Geral. Em 2013, com a eleição episcopal do 1º Assistente Geral, foi ao P. José Manuel que o Conselho escolheu para ocupar o lugar de 2º Assistente.

No Conselho Geral da Congregação era o coordenador das Províncias lusófonas de África e América, bem como da Polónia, Paraguai e da União das Circunscrições da América Latina. Tinha ainda a responsabilidade pelos serviços de Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC), da Espiritualidade na Congregação e da orientação dos novos superiores. A sua última visita foi à Província de Angola em celebração dos 150 anos da sua fundação.

Quem conheceu de perto o P. José Manuel, terá certamente experimentado o seu forte e dinâmico zelo apostólico, a sua espiritualidade sincera fortalecida por longos momentos de oração (no seu quarto tinha sempre um cantinho-oratório inspirador da meditação diária).

Era bem notória a sua grande devoção aos Fundadores da Congregação cujas orações marcantes, recitava com frequência.

Aos Apóstolos Tiago e João, Jesus perguntou se eram capazes de beber o cálice que Ele havia de beber. Responderam que sim. Também o P. José Manuel bebeu o cálice até à última gota.”

Deliberação: *O senhor Presidente da Câmara propôs que todo o Executivo se associasse ao voto de pesar, o que foi unanimemente aceite, mais deliberando que o voto fosse transmitido à respetiva Família e à Comunidade Espiritana em Portugal.*

DAR TUDO, DAR-SE TODO

P. PEDRO FERNANDES

1º Assistente Provincial dos Espiritanos em Portugal

Acredito profundamente que a única realidade capaz de realmente fazer crescer uma pessoa é outra pessoa. O P. Zé Manel Sabença é uma dessas pessoas. Foram várias as situações marcadas pela sua passagem na minha vida: na casa de formação do Restelo, onde ele foi ecónomo, enquanto esperava partir como missionário para a África do Sul e fazia o serviço militar e eu

estudava teologia, ainda jovem; mais tarde, na África do Sul, tive o privilégio de estar com ele algum tempo quando era eu que me preparava para chegar pela primeira vez a Moçambique. Aí pude usufruir dessa brisa suave e vigorosa do grande missionário que ele era, cheio de paixão, dinamismo, criatividade, generosa dedicação às pessoas, permanente testemunho de zelo, presença e missão.

Época especialmente intensa, na minha relação com o P. Zé Manel, foi mesmo a dos últimos meses que ele passou neste mundo. Ficou na nossa comunidade do Porto, onde estou, enquanto seguia os tratamentos médicos do cancro que o devorou, de modo vertiginosamente rápido e doloroso. Nesses tempos definitivos, foi-me concedida a graça de, uma vez mais, testemunhar a grandeza da sua autenticidade, agora provada com a proximidade da morte e o peso esmagador do sofrimento. Permanente referência a Deus, confiando, manifestando a certeza de que Ele tinha um plano e de que tudo aquilo fazia sentido. Vivia a sua doença na convicção de que Deus lá sabia e que, portanto, a ele cabia-lhe assumir o tempo presente do mesmo modo como sempre o assumira: como sua missão, a ser vivida com entusiasmo e generosidade. O que era preciso era preciso, e ele fazia-o: ali, como antes, com uma suprema liberdade, senhor da situação, alegremente assumindo circunstâncias que não podia mudar, mas que podia viver mantendo-se fiel a si próprio e aos seus valores de sempre.

A doença avançava, sem piedade, privando-o aos poucos de tudo, aumentando a sua dependência física, até ao limite máximo. Ele, esse homem mexido e empreendedor, sempre ao leme de todas as barcas, ficava agora dependente dos serviços dos outros, para tudo, mesmo tudo. Fidelíssimo, o seu compromisso com Deus foi o seu compromisso com a vida: continuava a investir naquilo que podia, mesmo quando era objetivamente tão pouco. Mas talvez nunca antes como ali, nessa extrema fragilidade, manifestara uma tão espantosa grandeza, no sorriso que mantinha, soberano sobre todas as razões que podia ter para não sorrir, consolando os que se desconsoavam ao vê-lo, no controle da situação, mesmo até ao fim, quando o seu silêncio ainda gritava que o amor é mais forte que a morte e que a decadência física não tem a última palavra. Uma espécie de pudor em falar abertamente da morte e da fragilidade era talvez o maior sinal disso mesmo: o seu assunto não era a derrota, mas a vitória da vida, ao serviço da qual continuava a colocar-se, sobretudo neste momento em que o seu corpo de carne se ia esvaindo e progressivamente perdendo. Não se lamuriava, não perdia tempo com o mal, continuava a investir todas as energias no bem. A sua fraqueza não era o seu assunto: o seu assunto continuava a ser a atenção delicada aos outros, a permanente presença, a solicitude pela missão, o cuidado pelos assuntos da congregação que lhe diziam respeito e a que continuava a dedicar-se de alma e coração, como sempre, na

exata medida em que podia. O zelo amoroso pela família, sempre tão perto dele, como ele sempre tão presente, tão atento a todos. Não desistia, não suspendia a vida, não mudava de rota. Continuava a dar tudo e a dar-se todo.

A fragilidade da pequena chama, ainda a arder numa pobre lamparina, tornou-se, de um modo quase explícito, o ícone de toda uma vida que, de facto, foi essa lâmpada acesa, honrando a Deus e iluminando os homens. Nos seus vinte e cinco anos de padre, tinha escolhido para a celebração o símbolo da oliveira, do azeite e da azeitona, com toda a riqueza simbólica que têm na Bíblia. No fim da sua vida nesta terra, pediu uma azeitona, como derradeiro alimento que ainda levou à boca: o mesmo persistente compromisso com a vida, a lâmpada acesa, o culto incessante, a doação até à última gota de azeite numa lamparina cuja luz apontava para algo bem maior que ele, perpétuo, e a cujo serviço ele se mantinha, garantindo que a sua dor e a sua mortalidade eram ainda a linguagem da sua missão, sempre a apontar para o Deus da vida. “Para sempre” foram as últimas palavras que me lembro de lhe ouvir dizer à sua mãe, poucas horas antes de morrer. Ainda aí, como na repetição das palavras “paz, muita paz”, respondendo à pergunta que alguém lhe fez sobre o que queria, guardou o seu compromisso absoluto com a Missão.

No Restelo, ainda jovem, o ouvi dizer que uma qualidade que prezava e tentava cultivar era a alegria. Dava contínuas provas disso. No fim dos seus dias, a alegria era virtude, era a alegria do Evangelho. Na chancela dolorosa das suas últimas horas, provou no fogo a autenticidade de tudo o que lhe conhecemos, em tantos momentos, por tantos anos. E aí se confirmou Ben Sirac (11, 28): “Um homem conhece-se pelo seu fim”.

FÉ ENRAIZADA E VISTAS LARGAS

P. EDUARDO MIRANDA FERREIRA

Superior Provincial dos Espiritanos em Portugal (1994-2003)

O P. José Manuel e eu próprio, salvaguardando a diferença de uma década no tocante à idade, tivemos um percurso formativo muito idêntico: os mesmos seminários, as mesmas faculdades e até, os dois fomos capelães militares pelo período de dois: ele nos Comandos e eu nos Pupilos do exército.

A minha convivência com o P. José Manuel, na base do quotidiano, aconteceu, por curtos meses, em 1991, em Londres, onde nos encontramos para refrescar o nosso inglês, ele a caminho da sua primeira missão na Afri-